

# A Redescoberta do Sagrado na Sociedade Tecnológica

## 1. INTRODUÇÃO

Talvez o título desta minha reflexão desperte expectativas que não cheguem a ser satisfeitas no decorrer da exposição. Falar em “redescoberta do sagrado” supõe que esse “sagrado” esteve anteriormente encoberto, escondido, ou esquecido. Vejamos, por isso, primeiramente, que tipo de “sagrado” se tentou apagar da mente humana.

1.1 O problema do “sagrado” se presta a muitas interpretações. A palavra “sagrado” vem do latim “sacer”, que significa: consagrado ou santo. Para os latinos, lugares e objetos podiam ser sagrados. Assim encontramos bosques, montes, templos e caminhos sagrados. Em referências às pessoas dizia-se que eram santas (sanctus). Com isso, objetos e lugares podem ser sagrados, enquanto o homem é santo.

Num sentido mais amplo, entende-se por “sagrado” tudo aquilo que leva o homem a um contato e relacionamento com a divindade e que por isso se torna objeto de seu temor, respeito e devoção religiosa.

1.2 Em 1917 Rudolf Otto colocou como base de um estudo sobre o fenômeno religioso o conceito de “sagrado”.<sup>1</sup> Destacou em sua obra dois aspectos do “sagrado”. Para R. Otto, o “sagrado” pode ser terrível, amedrontador, perigoso, demoníaco, destruidor, e por

outro lado atraente e fascinante. Assim o "sagrado" pode ser ao mesmo tempo terrível e atraente ao homem. Isso porque ele é percebido como uma força poderosa.

1.3. Pessoas, das quais o "sagrado" tomou conta, são percebidas como carregadas de poder: feiticeiros, mágicos, médiuns, sacerdotes, reis etc... O perigoso no poder sacral é o fato de ele se tornar facilmente tabu. Como esse poder sempre se pode manifestar sob o aspecto do terrível e do atraente, a tentação do homem é apoderar-se desse poder, o que dá origem à magia, que através de certos ritos procura manipular as forças supra-humanas para fins humanos.

As pessoas e os objetos carregados com força sagrada são geralmente separados do mundo profano, estabelecendo-se uma oposição entre o sagrado e o profano. Contudo, em princípio, qualquer dimensão da realidade pode adquirir força sagrada: espaço, tempo, céu, terra, plantas, animais e o homem, tudo pode tornar-se sagrado. Sagrado, por exemplo, é o local onde se encontra a estátua do Deus, ou do santo, lá onde a força do sagrado se manifesta. Desse local o homem deve guardar distância e respeito. Sagradas são as pessoas relacionadas com o culto: médium, curandeiro, sacerdote etc... E já que tais pessoas possuem poder, geralmente estão rodeadas de tabus. Pessoas e objetos podem identificar-se de tal forma com o sagrado, a ponto de não permanecerem apenas sinais do sagrado divino, mas de serem absolutizados. E quando alguém, ou algum objeto, é alçado à categoria de absoluto não poderá mais ser contestado. Dali a possibilidade de homens, partidos e ideologias se tornarem incontestáveis.

## 2. DESSACRALIZAÇÃO

Como se vê, o "sagrado" marca a sua presença entre os homens de muitas formas. Dele se pode usar e abusar, transformando-o em pseudo-sagrado, atribuindo sacralidade a quem não compete. Por causa dos equívocos nas atribuições das forças sagradas, iniciou-se na Renascença um poderoso movimento de dessacralização da realidade humana. Esse movimento tem como conseqüências a criação de uma nova imagem do mundo e do homem.<sup>2</sup>

2.1. A partir da Renascença, o homem novamente se torna a medida de todas as coisas (Protágoras). Cria confiança em si. De mero espectador do Universo, passa a co-criador e forjador

---

1. Cf. R. Otto, *Das Heilige* (Breslau, 1917).

2. Cf. Strieder, *A Situação Atual do Homem e o Conflito dos Humanismos*, in: SÍNTESE — Nova Fase (8), pp. 25-44.

dele: é o próprio homem que deve modificar, melhorar e recriar o universo. Promove-se a auto-suficiência e a autoconsciência dos indivíduos, procurando libertá-los das formas de vida e das estruturas primitivas. Segundo essa mentalidade, p. ex., é mais eficiente construir açudes e canais de irrigação do que fazer procissões para pedir chuva.

As idéias da Renascença, de conscientização e de autonomia do homem, desabrocharam no movimento do Iluminismo, em que se manifesta a tendência de considerar a realidade religiosa como fator de obscurantismo e ignorância.

O Iluminismo pretende reduzir todas as dimensões da realidade a dimensões racionais. Possui uma visão otimista do mundo e do homem. Acredita cegamente no progresso. Quer substituir a religião pela filosofia. Manifesta-se contra tudo que se chama de sagrado ou sobrenatural. Nega qualquer referência à graça de Deus e à revelação. Segundo o Iluminismo o homem não precisa de Deus para ser bom. Poderá auto-redimir-se. Basta que ele siga a sua razão para resolver todos os problemas da humanidade. A idéia iluminista foi grandemente favorecida pela alteração das cosmovisões após a Idade Média e pelo progresso das ciências naturais e da técnica.

No mesmo processo de dessacralização da natureza e do Universo está também o Positivismo de Augusto Comte. Segundo Comte, o estágio mais primitivo teria sido o estágio do fetichismo, da teologia e da religião. O segundo, o da filosofia e da metafísica. E o último, que segundo Comte iniciou com ele, é o estágio positivo, em que a humanidade reconheceu finalmente a impossibilidade de adquirir conhecimentos absolutos, desistindo de perguntar pelas origens e pelos destinos do homem e do universo, como nos estágios anteriores. Agora, na época das ciências positivas, o homem se limita a descobrir, através da teoria e da observação, as leis ativas da natureza. Pesquisas sobre as causas interiores dos fenômenos não lhe interessam.<sup>3</sup> Mas nem o próprio Augusto Comte conseguiu permanecer fiel a essa sua idéia positivista, pois o Positivismo assumiu bem depressa dimensões religiosas. Ainda hoje encontramos Templos Positivistas, também no Brasil. Não podemos negar, contudo, que o Positivismo representou um desafio às religiões tradicionais.

Outros pensadores representativos, como Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud, também se empenham numa crítica violenta e contestatória do fenômeno religioso e da presença do sagrado na

---

3. Cf. Theologisches Forum 4, Patmos-Verlag, Düsseldorf 1970. p. 12.

humanidade. Feuerbach afirma que "não foi Deus que criou o homem à sua imagem e semelhança, mas foi o homem que criou Deus à sua imagem e semelhança".<sup>4</sup> Isso significa que, para Feuerbach, o sagrado é pura invenção e imaginação dos homens. Marx explicita como o homem teria chegado a inventar a religião. A religião, para ele, nada mais é do que o gemido da criatura oprimida, o sentimento de um mundo sem coração, o sentimento do homem que ainda não se encontrou. A miséria religiosa é, em última análise, a expressão e o protesto contra a verdadeira miséria. É o homem que faz a sua religião e não é a religião que faz o homem. O Estado cria e apóia a religião para conservar os súditos submissos. De modo que a religião, para Marx, nada mais é do que o ópio do povo. Através da religião o povo é ludibriado e oprimido. No dia em que o homem estiver liberto de suas opressões ele não precisará mais de religião.<sup>5</sup>

Nesse processo de dessacralização do mundo é necessário tomar também em conta o pensamento de Nietzsche, que pode ser considerado o filósofo da "morte de Deus". Para Nietzsche o maior evento da atualidade é o fato de que Deus está morto, que o Deus cristão está morto, que o Deus cristão está desacreditado. E porque o velho Deus morreu, o coração de Nietzsche se derrama em gratidão e maravilha. Já que todos os deuses morreram, existe agora lugar para o homem, para o super-homem. Esse super-homem será livre em tudo. Não precisará mais temer um Deus que tudo fiscaliza, tudo observa, tudo controla. Nunca mais o homem precisará rezar, adorar, nunca mais confiar em algo que ultrapassa a sua realidade terrena. Nietzsche alimentava a esperança de que o seu super-homem viveria numa época livre de qualquer influência cristã. Então as igrejas nada mais seriam do que jazigos e monumentos fúnebres de Deus. A referência ao sagrado estaria varrida da mente dos homens. O super-homem não acreditará mais nos que falam em esperanças supraterestras, nem preocupar-se-á com felicidade, razão, virtude, justiça, piedade. Deverá amar a vida e ser fiel à terra. Com isso se desenvolverá nele a força, a coragem, a inteligência e a felicidade.<sup>6</sup> Para esse homem Deus morreu e é bom que continue morto. Enquanto acontece na mente do homem o "crepúsculo de Deus", surge a "nova aurora", a "aurora do homem".

Freud caminha nas mesmas perspectivas de dessacralização da realidade como os pensadores acima mencionados. Para Freud

---

4. Cf. *Impulse zur Verantwortung* (I), Patmos-Verlag, Düsseldorf 1974, p. 198.

5. Cf. *Idem*.

6. Cf. Fr. Nietzsche, *Die fröhliche Wissenschaft*, Nietzsche-Werke, Bd. II, ed. por G. Stenzel, Bergland Verlag, Salzburg, p. 599.

a religião é uma neurose obsessiva,<sup>7</sup> pois ela é fruto da imaginação. E quem fica imaginando coisas é neurótico.

Para as idéias dessacralizantes, o nosso mundo já não se apresenta como o mundo antigo, quando Tales de Mileto pôde exclaimar: "tudo está cheio de deuses". Durante séculos a humanidade vira, numa interpretação sacral da realidade, todos os fenômenos apontarem para aquilo que os transcende, situando-os no nível do sagrado. Esta transcendência influenciava ativamente, de todos os lados, a esfera empírica da existência humana. Com a dessacralização da realidade, a esfera empírica tentou fechar-se sobre si mesma, não deixando frestas para o sagrado. A passagem dum "mundo cheio de deuses" para um "mundo sem Deus" foi gradual e lenta. No surgimento desse estado de coisas teve papel decisivo os séc. 18 e 19, como o demonstram as filosofias de Feuerbach, Marx, Nietzsche, e outros. Embora a dessacralização já tenha raízes bem mais antigas.

2.2. Por causa da coincidência espacial e temporal entre o pensamento filosófico dessacralizante e o desenvolvimento das ciências positivas e da tecnologia, responsabiliza-se, muitas vezes, o progresso científico e tecnológico pela destruição da dimensão sagrada no homem. Isso porque, sem dúvida, o espírito da sociedade industrial reflete um estilo de vida e um modo de pensar bem característico. Na sociedade industrial desponta um enorme interesse pela pesquisa científica e pela transformação técnica do mundo e do homem. O sistema de relações finitas, o universo, basta-se a si mesmo e esgota-se em si mesmo. Pode ser manipulado, aperfeiçoado, sempre em consonância com os desejos e as necessidades do homem. Assim, a realidade vai gradualmente perdendo a sua dimensão sacral. Vai sendo "desencatanda". Deus é colocado à margem do campo no qual se exerce a atividade humana. É posto de escanteio, aposentado, conduzido para fora do mundo e proibido de intervir dentro dele. Porque cada intervenção sua estragaria os cálculos e os projetos humanos. Ao cabo desse desenvolvimento, Deus se torna supérfluo, um "Deus ocioso". Um Deus que não intervém naquilo que acontece debaixo da lua, como diziam os antigos, i. é, naquilo que acontece na terra. O universo está entregue ao homem, seu único senhor e mestre. Em outras palavras, o homem deixa o céu para os anjos e os pardais.

---

7. Cf. S. Freud, *Totem and Taboo*, Nova York, Vintage Books 1946, p. 98s. Para maiores detalhes ver R. Alves, *Tomorrow's Child: Imagination, Creativity and Rebirth of Culture*, Nova York, Harper & Row 1972, p. 37s.

Para cumprir a sua tarefa, o homem precisa de forças produtivas e criadoras comparáveis com aquelas que, outrora, se atribuíam a Deus. Surge assim o homem-demiurgo, o super-homem.

A partir de Galileu Galilei estabeleceu-se um tipo de preconceitos no mundo ocidental de que a religião, e especialmente o cristianismo, é contra as ciências. Assim que, para ser cientista, seria necessário ser ateu. Dentro dessa perspectiva existem também cientistas que elevam as suas vozes contra o cristianismo e contra qualquer manifestação do sagrado. Para exemplificar, aqui apenas duas vozes descrentes de cientistas: uma de B. Russell e outra de J. Huxley.

Russell, filósofo e matemático, diz no seu livro "Porque não sou Cristão" o seguinte: "A religião baseia-se, penso eu, principalmente e antes de tudo, no medo. É, em parte, o terror do desconhecido e, em parte, como já disse, o desejo de sentir que se tem uma espécie de irmão mais velho que se porá de nosso lado em todas as nossas dificuldades e disputas. O medo é a base de toda essa questão: o medo do mistério, o medo da derrota, o medo da morte. O medo é a fonte da crueldade e, por conseguinte, não é de estranhar que a crueldade e a religião tenham andado de mãos dadas. Isso porque o medo é a base dessas duas coisas. Neste mundo, podemos agora começar a compreender um pouco as coisas e a dominá-las com a ajuda da ciência, que abriu caminho, passo a passo, contra a religião cristã, contra as igrejas e contra a oposição de todos os antigos preconceitos. A ciência pode ajudar-nos a superar esse medo pusilânime em que a humanidade viveu durante tantas gerações... não há limite quanto ao que a ciência poderia fazer no sentido de aumentar a coragem... As possibilidades da ciência, no sentido de aumentar a felicidade humana, não se limitam a diminuir aqueles aspectos da natureza humana que contribuem para a derrota mútua, e que, por conseguinte, chamamos 'maus'. Não há limite, provavelmente, quanto ao que a ciência pode fazer no sentido de aumentar a excelência positiva...".<sup>8</sup>

Para J. Huxley, um biólogo que foi Diretor da UNESCO de 1946-48, "a hipótese 'deus' não possui mais utilidade prática para a interpretação ou compreensão da natureza. Ela, pelo contrário, muitas vezes, atrapalha uma interpretação certa. Para uma pessoa instruída e inteligente aos poucos se torna tão difícil crer em Deus, como acreditar que a terra é plana, que um dia poderemos voar espontaneamente, que a doença é um castigo divino ou que a morte sempre é fruto de forças mágicas... A hipótese

---

8. B. Russell, *Porque não sou Cristão*, 1972, SP, p. 32.

'deus' está sendo eliminada centímetro por centímetro, até que desapareça completamente por ser inaceitável".<sup>9</sup>

2.3. Dentro da mesma perspectiva de eliminar a referência a Deus e ao sagrado na vida humana se desenvolve o chamado "Humanismo Científico-tecnológico". Animados por um espírito extremamente pragmático, tecnocratas e cientistas pensam que um novo e profundo humanismo estaria às portas. Na sua argumentação, dizem que ideologias, políticas, religiões e as diferentes filosofias até agora só separaram os homens, opondo uns aos outros. A ciência e a técnica, pelo contrário, por toda parte estariam promovendo a união e o entendimento, oferecendo cada vez maiores garantias para uma comunidade humana eficiente na realização de seus ideais. No nível das ciências já se estaria desenvolvendo um diálogo que ultrapassa todas as fronteiras políticas, raciais e religiosas. No ambiente científico morreriam assim todos os sentimentos de ódio e de desentendimento.<sup>10</sup>

2.4. Na mesma perspectiva laicista, em 1970, Herman Kahn e Anthony Wiener, do Instituto de Hudson, delinearam a sua projeção futurológica sobre os últimos 30 anos desse século. E o fizeram reservando um papel mínimo à religião, na pressuposição de que as culturas do séc. XX continuariam a ser cada vez mais "sensatas", o que no pensamento deles quer dizer o mesmo que "empíricas, deste mundo, seculares, humanísticas, pragmáticas, utilitárias, contratuais, epicuristas ou hedonistas e coisas semelhantes".<sup>11</sup>

O fato de cientistas se pronunciarem dessa forma não admira, já que uma série de teólogos, em seus comentários sobre a situação contemporânea das religiões, concordam em constatar uma crescente evasão do sobrenatural e do sagrado do mundo moderno. Essa evasão, aceita como tendência global e irreversível por estes, é chamada de "processo de secularização". Falam da necessidade de desmitificação da realidade religiosa, da "teologia da morte de Deus", anunciando que entramos numa era "pós-cristã" e que o cristianismo convencional está no fim. O teólogo Thomas J. J. Altizer diz, por exemplo, no seu livro sobre "A Morte de Deus", o seguinte: "Deus morreu no nosso tempo, na nossa história, na nossa existência. Aquele que pensa como nós não pode aceitar a realidade da presença de Deus e encarar o mundo como Sua criação: tampouco pode ser sensível às clássicas ima-

---

9. Cf. H. Fries, *Abschied von Gott*, Herderbücherei, Bd. 413, Freiburg 1968, p. 59.

10. Cf. I. Strieder, op. cit., p. 42.

11. P. Berger, *Um Rumor de Anjos*, Ed. Vozes 1973, p. 13s.

gens cristãs do Criador e de Sua criação. Assim sendo, a aceitação das formas tradicionais de fé não é mais do que uma fuga de caráter gnóstico às cruéis realidades da história".<sup>12</sup>

2.5. Quais as conseqüências desse movimento filosófico-ideológico e teológico de dessacralização da realidade?

*Primeiro: dessacralizou-se a natureza.*<sup>13</sup> As ciências tornaram os homens mais conscientes. Agora sabemos que o sol e a lua, a água e a terra, os montes, as árvores e as pedras nunca possuíram poderes misteriosos que não pudessem ser analisados e explicados por leis positivas. O sagrado, pelo qual muitas vezes são cercados, é fruto da imaginação dos homens. Pela ciência toda a realidade é manipulável e recebe explicações racionais e causais. Com isso a ciência se apropriou de setores antes reservados à fé religiosa.

De fato a ciência e a técnica mudaram o tipo de relacionamento do homem com o mundo, e por derivação a concepção que o homem tinha de si. No mundo científico, Deus não pode mais intervir, como quis Descartes, para assegurar a correlação correta entre a interioridade de nossa consciência e a objetividade do mundo. Deus não se presta para preencher as lacunas e as brechas da ciência humana. Ele não é um Ser que intervém quando a nossa gasolina está no fim. O Deus "tapa-buracos" de fato morreu.

Mas não é só a ciência que dessacraliza a natureza. Já na Bíblia encontramos um processo dessacralizante da natureza: o sol, a lua e as estrelas não são espíritos, ou deuses, mas apenas luzeiros para alumiar o dia e a noite.

*Segundo: dessacralizou-se a realidade política.* Em todas as épocas históricas aparecem tendências de sacralização de pessoas, regimes e ideologias na área política. Isso explica porque existe uma correlação de poder na política e no sagrado. P. ex., os reis eram sagrados. E o poder humano quando se fundamenta no poder divino se torna especialmente perigoso. Por isso a dessacralização do poder político já foi uma preocupação dos antigos profetas. Pelo processo de democratização das sociedades, a humanidade tentou dessacralizar o poder político. Mas pelo estado em que se encontram na atualidade as democracias, pode-se compreender que em nenhuma área existe mais necessidade de dessacralização em nossa época histórica do que na área política.

---

12. Th. J. J. Altizer-W. Hamilton, *A Morte de Deus, Paz e Terra* 1967, p. 122.

13. Cf. J. B. Bauer, *Die heissen Eisen von A bis Z: Entsakralisierung*, Verlag Styria 1972, pp. 108ss.

*Terceiro: houve dessacralização na Igreja.* Como o mal e a graça convivem dentro da Igreja, ela é uma Igreja "semper reformanda", que continuamente deve ser reformada principalmente naqueles aspectos em que surgem falsas representações do sagrado, pois quando o sagrado assume feições erradas, aparecem os ídolos. E nenhum cristão pode ser idólatra. No sentido próprio só Deus é santo e sagrado. A dessacralização na Igreja resume-se propriamente num desejo duma compreensão melhor do cristianismo. Até o Concílio Vat. II, p. ex., sacralizara-se demasiadamente o poder na Igreja, o sacerdócio e os sacramentos. É certo, não pode existir Igreja sem poder, mas esse poder pode ser exercido de diversos modos. Hoje procura-se maior participação do leigo nas decisões da Igreja. No cristianismo o sacerdote não ocupa a mesma posição sagrada do sacerdote pagão. O Novo Testamento até evita falar em sacerdotes, denomina-os de "presbíteros", os mais velhos. O sacerdote no NT não é um mediador sagrado, mas aquele que preside a comunidade. Sua primeira obrigação é o anúncio da Palavra de Deus e só depois vem o culto. Em relação aos sacramentos, a doutrina da Igreja ensina que eles não são ações mágicas, que automaticamente comunicam poder sagrado. São antes de tudo sinais de referência a Deus. O que não significa que eles não sejam eficientes.

### 3. A SITUAÇÃO DO HOMEM ATUAL

Poderíamos ainda passar outros níveis em que há uma necessidade e uma legitimidade de dessacralizar a natureza, as ideologias e as religiões. Mas verifiquemos quais as conseqüências da dessacralização científica, filosófica e religiosa, pois é pelos frutos que podemos avaliar o mérito ou demérito da questão.

O problema está em que o homem tende a extremos. Quando encontra mitos alienantes na humanidade, conclui que é necessário acabar com todos os mitos existentes. Quando constata um relacionamento falso com a divindade, procura destruir todo relacionamento com o sagrado. Esta tendência fez com que os aspectos legítimos de uma dessacralização da natureza e das religiões se desvirtuassem. Por isso, muitos homens da era tecnológica quiseram fechar as suas portas ao sagrado. E qual o resultado? O homem perdeu a sua dimensão de profundidade. Ou num sentido global, esquece-se de fazer opções de fundo. E isso resultou na realidade com a qual nos defrontamos dia a dia, na qual se criou uma situação para o homem que ele mesmo parece não poder mais dominar. O mundo-máquina, o homem-máquina, esta é a verdadeira imagem que acompanha o homem contemporâneo.

Qualquer interesse por esse homem está determinado pelo novo meio ambiente que o envolve.

3.1. O homem atual está cada vez mais rodeado por suas próprias obras, por suas organizações e técnicas. Grande parte da humanidade atual deve a sua existência à medicina moderna e não mais à natureza como em tempos passados. Outra parte dessa mesma humanidade sucumbe em guerras desumanas, ou através de opressões políticas e econômicas. A vida dos homens depende cada vez mais daquilo que eles próprios fizeram ou deixaram de fazer, daquilo que a sociedade organizada oferece e exige, das decisões políticas e das alterações de mercado.

Com a ajuda da ciência e da técnica o homem contemporâneo pode, pela primeira vez na história, pretender libertar-se da tirania da natureza. Mas nesta tentativa de libertação dos condicionamentos naturais este mesmo homem entra numa outra área de domínio e de tirania: na dependência de suas próprias obras e instituições. Na medida em que desaparece a ontocracia da natureza, surgem tecnocracias e burocracias que, com o mesmo poder oculto e anônimo como o fazia a natureza anteriormente, subjuga o homem. Embora ainda existam catástrofes naturais suficientes, o homem de hoje, contudo, teme mais as catástrofes sociais. E embora ainda existam suficientes doenças naturais, tememos, porém, mais as modernas doenças da civilização. Nas sociedades mais desenvolvidas as crianças participam cada vez menos da morte dos antepassados, mas sentem mais vezes a morte violenta de seus colegas no trânsito.

O progresso dos meios de comunicação social cria no homem de hoje uma nova consciência coletiva. Participamos da dor e da alegria de homens muito distantes de nós. Participamos da cultura, da política e da economia de outros povos. Nasce assim uma nova consciência de solidariedade. Os mais distantes se tornam próximos, mesmo que os próximos se tornem os grandes desconhecidos. Percebemo-nos participando de um grande todo. Assim cada um de nós conhece mais miséria do que pode remediar.

O palco em que se desenrola o drama da humanidade tornou-se hoje tremendamente problemático. Nenhuma época acumulou, como a nossa, conhecimentos tão numerosos e tão diversos sobre o homem, mas a nenhuma época pareceu ele tão misterioso como à nossa. Diante dessa problemática, criada em grande parte pela nova situação histórica e pelo novo meio ambiente em que o homem vive, é absolutamente necessário perguntar pelos aspectos humanos desse mundo, criado pelo próprio homem.

Observando a industrialização do mundo moderno, verificamos que grande parte da humanidade acredita cegamente no progresso. Equipara-se o progresso tecnológico com o progresso humano. Aceita-se que o homem realize tudo o que consegue realizar pela técnica. Acredita-se que a máxima eficiência tecnológica, que o crescimento econômico sem limites e que o crescimento do poder tecnológico e político sejam valores humanos em si. “Produzir mais — para consumir mais” — este é o princípio que sustenta o nosso progresso.

Do sentimento de impotência perante uma tecnologia, muitas vezes desumana, nascem animosidades contra a técnica. O deus-máquina, que a todos tudo prometia, assume feições de perigoso demônio, ameaçando levar tudo à destruição. Aos poucos se cria a consciência de que, para evitar que a técnica escravize o homem, é necessário aprender a controlar esse “anjo mau” com sabedoria. Com tal sabedoria será possível superar o fascínio sagrado da técnica, que transtorna e desorienta a muitos espíritos. Pois com o espírito obnubilado com o fascínio tecnológico ninguém chegará a humanizar a sociedade tecnocrata.

3.2. Muitos dos que esperavam da tecnização do mundo o céu da auto-realização já se decepcionaram e perceberam que a nova sociedade tecnocrata de fato pode tornar-se o inferno da auto-alienação, se o primeiro interesse não for a dignidade do homem.

Ante uma série de frustrações megalomaniacas de super-homem, de astronauta, de rei do universo, o homem comum volta a ter saudades duma vida simplesmente humana. Quer ser simplesmente homem num mundo humanizado. Já não suspira a ser super-homem, nem tolera condições infra-humanas. Este novo sentimento perante a realidade humana surge principalmente porque nos nossos dias as novas gerações estão vislumbrando com inteligência que a “Aurora do Homem”, conseqüência do “Crepúsculo de Deus”, não é tão radiosa. Esta “aurora” deu origem a um “homem tecnológico”, quadrado como os edifícios que habita. Robotizado, que não possui coração: um homem frio e retilíneo. O homem massa, ao qual interessa produção e consumo. Para ele todos se devem enquadrar nos esquemas de massificação. A sua obrigação básica é consumir muito para que a produção não pare. Em outras palavras, um homem convidado a ser “tubo digestivo”. Um homem capaz de passar seu “rolo compressor”, sem dó nem piedade, por cima daqueles que não se sujeitam às suas idéias. Um homem para quem vale a lei da selva, a lei do mais forte.

3.3. Um tal homem sabe criticar muito bem tudo o que no passado existiu de errado na Igreja e nas religiões, classificando de

mito, tabu e ignorância qualquer manifestação do sagrado. No entanto, ao mesmo tempo grita e se escandaliza quando a Igreja não aceita os seus dogmatismos, e não lhe sacraliza e abençoa os instrumentos de tortura e repressão, pelos quais pratica os mais flagrantes desrespeitos à dignidade da pessoa humana. Não se lembra de que na humanidade existem os fracos pelos quais Deus manifestou predileção especial, e que o próprio Deus se revelou aos homens em sua fraqueza. O nosso Deus não é um Deus ditador ou rei, que se cerca com guarda-costas e mercenários para protegê-lo, e sim um Deus que se deixa pregar na cruz. E essa é a sua grandeza.

Para o homem dominado pela mentalidade tecnocrata a miséria humana, a defesa dos mais fracos, são deixadas à caridade pública e às instituições de caridade. Quando em nome do "sagrado" alguém exige maior proteção à família, à vida e ao homem, esse "homem tecnológico" procura reduzir essas manifestações ao âmbito das sacristias, limitando a repercussão dos argumentos propostos. O "sagrado" lhe é incômodo, pois a memória do "sagrado" lhe traz inquietação. Ele representa algo de perigoso para a memória humana, relativiza os ídolos e as ideologias. Lembra ao homem que ele é apenas homem.

Pelo fato de o progresso tecnológico ser terrivelmente ambivalente, já se aceita com bastante facilidade que a desejada e anunciada "aurora do homem" fracassou. Ao lado dos grandes benefícios, o progresso desperta inúmeros problemas desumanizantes. Por efeito do progresso tecnológico, as grandes cidades se tornam desumanas porque não conseguem absorver o afluxo populacional do interior. O ar se polui, a água se corrompe, o trânsito se torna insuportável. Faltam habitações, a saúde está em contínuo perigo, aumenta a criminalidade, cresce o número de marginais.

O mais trágico nesse quadro é que ninguém se sente responsável por essa situação. A frieza e a indiferença da tecnocracia se espalharam por um mundo com muitas necessidades, dor, pobreza, miséria, violências e crueldades. E quanto mais refinadas as técnicas, tanto mais refinadas se tornam as possibilidades de manipulação do homem.

#### 4. O HOMEM ATUAL E AS MANIFESTAÇÕES PSEUDO-SAGRADAS

4.1. A realidade, acima descrita, que envolve o homem atual em todas as suas dimensões, em vez de trazer uma tranqüilidade ao ser humano, trouxe-lhe uma tremenda insegurança. E ninguém suporta um crescer indefinido de sua insegurança existencial. Por isso todo o homem precisa de pontos de apoio e referência.

Quem não encontra a sua segurança, os seus pontos de apoio, em Deus os situará em outro nível. Pela evasão do sagrado e do sobrenatural, o homem está tentado a absolutizar dimensões de seu mundo finito, ou a sacralizar ídolos, surgindo com isso as superstições.

Quando falamos em "redescoberta do sagrado na sociedade tecnológica", é bom primeiramente verificar as manifestações de pseudo-sacralidade em nossa época. Por isso, algumas exemplificações dessa pseudo-sacralidade.

4.2. Mircea Eliade, no seu livro sobre "O Sagrado e o Profano",<sup>14</sup> afirma que o homem, quando se vê frustrado em sua experiência religiosa autêntica, se volta às pseudo-religiões e para os pseudo-messianismos. Pois a relação do homem com o sagrado é algo intrínseco à natureza humana e não apenas fruto de uma cultura. Assim, no nosso tempo, a técnica substitui a magia, o messianismo político substitui o messianismo cristão, o Estado e os partidos substituem os deuses do passado. O homem dessacralizado não aceita nenhum modelo de humanidade fora da condição humana histórica. Esse homem quer-se construir a si mesmo e o sagrado lhe parece um obstáculo para a sua liberdade. O homem a-religioso é o resultado dum esforço de dessacralização da existência humana. Mas já que a referência ao sagrado é algo inerente à natureza humana, o homem profano, queira ou não queira, conserva vestígios de um comportamento religioso. Mas vestígios esvaziados de significação religiosa.

4.3. Perante as inseguranças que cercam o homem atual, esse mesmo homem possui um incontido desejo de esclarecer o enigma de seu futuro. Perante esse enigma o homem que não possui fé, ou não possui fé suficientemente esclarecida, cede facilmente à tentação de recorrer a meios que lhe sirvam de proteção. Como a existência humana em si não oferece perspectivas suficientes de segurança, é necessário buscá-la em outro nível de relações. Por isso, o homem moderno, enquanto possui nos lares instrumentos que falam do saber humano, como televisão, telefone, eletrodomésticos, e nas empresas computadores e máquinas complicadas que mostram a capacidade criativa da razão humana, esse mesmo homem das ciências e da técnica vive preso a crenças, que certamente não correspondem a uma mentalidade científica. São inúmeras as superstições que encontramos no nosso meio. Às vezes são coisas realmente ridículas como, por exemplo, o número 13: em muitos hotéis não existe o quarto n.º 13, e as agências de viagem encontram dificuldades em vender a poltrona n.º 13; o gato preto que cruza o caminho, a sexta-feira em

---

14. Cf. M. Eliade, *O Sagrado e o Profano*, Lisboa, pp. 208ss.

que não se deve fazer compras, vendas ou iniciar uma viagem; os feitiços, os amuletos, os talismãs, as figas, as ferraduras nas portas, as fórmulas de exconjurção, as orações fortes, o medo dos fantasmas, das assombrações etc... Não se deve passar por baixo de uma escada que dá azar; se no casamento o noivo vê a noiva vestida antes de ir para a igreja, dá azar; quem sonhar casando deve saber que vai morrer alguém na família; se uma coruja passa por cima duma casa, morrerá alguém nessa casa ou naquela rua. Muitos festejam com grande cuidado o romper do novo ano: não se deve iniciar o ano com roupas usadas, do contrário o novo ano não será bom. Muita gente não começa nada sem antes consultar o horóscopo. Dizem: as estrelas não mentem. Consultam o horóscopo antes das excursões, antes dos exames, da escolha do companheiro, antes do nascimento dum filho. Outros vão procurar as cartomantes, os sortistas, os feiticeiros, os mágicos, as benzedeiras, ou então consultam os mortos. Acreditam em corpos fechados, e coisas semelhantes. Perguntei um dia a um diretor de jornal o que achava do horóscopo, que aparecia em cada edição de seu jornal. Respondeu-me: "É blefe, mas tenho que colocá-lo, pois do contrário perderia muitos dos meus leitores".

Françoise Gillot, uma companheira temporária do grande pintor Pablo Picasso, que se declarava descrente, relata que ele era extremamente supersticioso. Quando, p. ex., alguém colocava por descuido um chapéu em cima da cama, Picasso acreditava que alguém deveria morrer na casa. Se alguém abrisse descuidadamente um guarda-chuva no quarto, exigia que os presentes cruzassem os dedos médio com os indicadores e atravessassem o quarto sacudindo as mãos e gritando "lagato, lagato", para espantar a desgraça.<sup>15</sup>

Em cada fim de ano publicam-se amplamente as profecias para o ano seguinte. As profecias de Nostradamus e de São Cipriano preocupam e inquietam a muitos.

De acordo com pesquisas feitas na Inglaterra, aproximadamente 50% dos entrevistados já tinha consultado cartomantes; um entre seis acreditava em fantasmas — e um entre quinze disse já ter visto algum.<sup>16</sup>

Parece que nunca o homem acredita em tantas coisas como quando diz não acreditar em nada. Todo homem é um ser espiritualmente religioso. Por isso, nenhum homem, nem o mais

---

15. Cf. Brief an Soldaten nr. 76, ed. por Kath. Militärbischofsamt, Bonn.

16. Cf. P. Berger, op. cit., p. 42.

simples, pode viver espiritualmente sem uma interpretação do mundo. E onde uma referência ao Sagrado não lhe possibilita uma tal interpretação, ele se agarra a ilusões, que substituirão a interpretação religiosa.

O homem de hoje, que mais do que nunca vive rodeado de inseguranças, é talvez particularmente vulnerável a todo tipo de crenças, atribuindo facilmente valores e poderes mágicos a objetos capazes de afastar males ou atrair felicidade ou benefícios. Em outras palavras, a dar sentido e segurança para aquilo que a ciência e a técnica não consegue dar sentido. Por isso, a maioria dos sem-religião ainda se comporta religiosamente, se bem que não esteja consciente desse fato. Não se trata apenas da massa de superstições e de tabus do homem moderno, que possuem todos uma estrutura de origem mágico-religiosa, mas o homem moderno dispõe ainda de toda uma mitologia camuflada e de numerosos ritualismos sagrados degradados. Os festejos que acompanham o Ano Novo, ou a instalação duma casa nova apresentam, se bem que laicizada, a estrutura de um ritual de renovação. Constata-se o mesmo fenômeno por ocasião das festas e das alegrias que acompanham um casamento ou o nascimento de uma criança, ou a obtenção de um novo emprego, ou de uma subida na escala social.

Poderíamos escrever toda uma obra sobre os mitos do homem moderno, sobre as mitologias camufladas nos espetáculos que ele prefere, nos livros que lê. A televisão é uma verdadeira fábrica de sonhos. Ela é como que o novo "santuário familiar", ante o qual se permanece horas e horas em devota meditação. Bastaria colocar uma vela de cada lado da televisão para que o sacrário estivesse perfeito.

As idéias do nudismo, que muitas vezes são propagadas, p. ex., as praias de nudistas, são nostalgias dum paraíso perdido. Na psicanálise o paciente é como que convidado a penetrar profundamente em si mesmo, para enfrentar os "monstros" do inferno, saindo dali vitorioso para uma existência plenamente responsável e aberta para os valores espirituais. São processos semelhantes aos ritos de iniciação, a um batismo, no qual se morre para o errado e se renasce para uma vida nova.

Quando o homem perde a sua dimensão de profundidade, esta profundidade se vinga de outras maneiras daquilo que lhe foi roubado.

4.4. Encontramos também pseudomanifestações do sagrado na época atual nas divinizações de regimes, ideologias ou de dirigentes políticos. O que poucos sabem, por exemplo, é que os nazis-

tas que diziam ser o cristianismo uma religião de pessoas fracas, estavam construindo um vasto "santuário". O comandante-em-chefe dos nazistas, Heinrich Himmler, já havia escolhido os seus "Doze Apóstolos", que deveriam ser os futuros pais do super-homem ariano. Com eles Himmler se reunia para meditações e ritualismos no "pseudo-santuário nazista".<sup>17</sup>

Em Leningrado, na Rússia, os soviéticos construíram um mausoléu a Lenine. Milhares de pessoas, diariamente, desfilam em devota procissão diante dos restos mortais de Lenine, como se fosse um Santo. Na Praça de An Men, em Pequim, os chineses estão construindo um faraônico Mausoléu a Mao Tsé-tung. Os trabalhadores chineses, que edificam essa obra, são todos voluntários e estão entusiasmados com a grandiosidade da construção. Essa atitude se pode perfeitamente comparar com aquela que, em épocas passadas, os homens religiosos tiveram na edificação de suas igrejas.

## 5. A REDESCOBERTA DO SAGRADO

5.1. Poderíamos continuar enumerando muitos endeusamentos na área política. É a volta do homem da sociedade tecnológica à adoração de ídolos e à sacralização de ideologias. Essa tentativa do homem atual de agarrar-se a um ponto de apoio deve-se ao fato de ele, com todo o seu progresso, ter perdido a sua "dimensão de profundidade". Na consideração que faço sobre essa "dimensão de profundidade", aproveito uma reflexão do teólogo Paul Tillich.<sup>18</sup> Segundo estas considerações, não ter mais a "dimensão de profundidade" significa que o homem perdeu a resposta à pergunta pelo sentido global de sua vida, isto é, donde vem, para onde vai, o que deve realizar e o que deve fazer de si no curto espaço de tempo que medeia entre nascimento e morte. E essas perguntas já não encontram mais resposta. Quando se perdeu a "dimensão de profundidade" tais perguntas nem são mais colocadas. E precisamente isso ocorre numa sociedade que ignora a dimensão do Sagrado. O homem que se deixa levar por uma mentalidade puramente tecnológica não tem mais coragem de formular tais perguntas com seriedade incondicional. E essa "dimensão de profundidade" no homem é a sua "dimensão religiosa", em que se situa a dimensão do sagrado.

"Ser religioso", em outras palavras "preocupar-se com o sagrado", significa perguntar apaixonadamente pelo sentido de nossa vida e estar aberto para respostas, mesmo que elas nos abalem profun-

17. Cf. I. Strieder, *A Terra dos Homens*, ed. Loyola, SP, 1977, pp. 109ss.

18. Cf. P. Tillich, *Die Frage nach dem Unbedingten*, GW 5, pp. 43ss.

damente. Uma tal concepção vê a realidade do "sagrado" como algo universalmente humano, se bem que se distancie daquilo que comumente se entende por religião. A religião, enquanto dimensão de profundidade, não é só a fé na existência de um só Deus. Não consiste só em atos e instituições, nas quais se exprime a ligação do homem com o seu Deus. Não se pode negar que as religiões históricas são religião nesse sentido: ela é o ser do homem, enquanto este está às voltas com o sentido de sua vida e da sua existência com tal.

O fato de o homem ter perdido a sua dimensão de profundidade deve-se à sua relação para com o mundo e para consigo mesmo. Por meio da ciência o homem sujeitou o mundo a si, e usa-o com a ajuda da técnica. As forças ativas da sociedade industrial, da qual ele próprio faz parte, impelem-no para frente, no sentido horizontal. No seu caminhar pelo espaço e tempo, o homem modifica o mundo que encontra, e essa modificação, por sua vez, transforma-o a ele mesmo. A medida que transforma tudo em instrumento, o homem finalmente também se transforma em instrumento. Porém, diante da pergunta, para que serve o instrumento, ele não tem resposta.

Não é preciso ir longe para buscar exemplos para esta situação: a nossa vida cotidiana na profissão e na família, em viagens de automóvel ou de avião, em sociedades ou conferências, lendo revistas ilustradas ou propagandas, vendo televisão ou ouvindo rádio, tudo isso é um único grande exemplo para uma vida sem dimensão de profundidade, para uma vida que se esvai, preenchendo cada instante com algo que deve ser feito, dito, visto ou planejado. Mas o homem não consegue ter a experiência da profundidade, sem estar quieto e refletir sobre si mesmo. Enquanto a demasiada preocupação pelo que é provisório e passageiro (por importante que seja) não arreda pé, a preocupação pelo que é eterno e sagrado não consegue tomar conta dele. Reside ali a razão mais profunda para a perda da dimensão de profundidade na nossa época, para a perda da religião no sentido próprio e universal da palavra.

Com a perda da dimensão de profundidade, perdem-se também os símbolos, que são a expressão dessa profundidade. Isto vale para os grandes símbolos das religiões ocidentais, os símbolos do judaísmo e do cristianismo. Do seu perecimento não é culpada, em primeiro lugar, a crítica científica, mas o fato de que tanto teólogos como leigos não mais compreendessem o significado dos símbolos bíblicos, e os interpretassem literalmente como relatos de eventos reais. Por causa disso, o ataque da ciência contra eles tornou-se possível e necessário. O primeiro passo para a des-

truição da religião foi a religião mesma que o deus. Ao tentar salvar os símbolos, defendendo-os como descrição de eventos reais, ela já perdera a batalha contra a ciência. Símbolos só vivem enquanto são entendidos como expressão da vida na dimensão de profundidade. Se são transpostos para o plano horizontal, se seus conteúdos são postos num mesmo plano ao lado de objetos e fatos finitos, perdem sua força e significação e tornam-se presa fácil para os ataques das ciências biológicas e históricas.

Se o símbolo da criação, p. ex., que aponta para o fundamento divino de todo ser, é transposto para o plano horizontal, converte-se numa narração de eventos dum passado bem longínquo, para os quais não há provas e que contradizem todo e qualquer conhecimento científico. Se tomamos o símbolo da queda original, que exprime a alienação do homem e do seu mundo da sua verdadeira essência (natureza), e se o transpomos para o plano horizontal, temos a história dum casal humano que há milhares de anos vivia numa terra, que hoje se chama Iraque. Assim, uma das descrições psicológicas mais profundas da situação humana converte-se, no plano horizontal, num absurdo. Se transpomos os símbolos do Salvador e da Redenção, que falam da força sanante que atua na vida humana e na história, para o plano horizontal convertem-se em relatos sobre um ser semidivino que desce do céu e para lá volta. Desfigurados dessa maneira, os símbolos não têm mais sentido para os homens, cuja concepção do mundo foi moldada pelas ciências naturais.

A idéia de Deus e os símbolos de que nos servimos para a sua descrição exprimem aquilo que é do "supremo interesse" do homem. Transpondo-os para o plano horizontal, Deus se torna um ser ao lado de outros seres, devendo-se então provar a sua existência ou não-existência. Depois que o homem se desfez da dimensão de profundidade e se privou dos seus símbolos, ele próprio se torna parte do plano horizontal. Perde a sua identidade, tornando-se coisa entre coisas, um fator entre outros do processo da produção calculada e do consumo previsto. Este fato é hoje por demais sabido. Sabemos que o papel de cada um no sistema pode ser calculado, e não temos maneira de subtrair-nos a esse jogo, mesmo que lhe conheçamos as regras e mesmo que tenhamos parte na direção do jogo. O influxo da mentalidade dos dirigentes de grupos de jovens, o influxo do espírito da empresa sobre os funcionários mais altos, o nivelamento espiritual, que vem dos meios de comunicação social e da propaganda que, em parte, se vale de métodos cientificamente estudados, tudo isso é constantemente descrito e analisado. Debaxo de tal pressão, ninguém mais consegue escapar à sina de tornar-se coisa juntamente com as coisas que produz, de tornar-se um feixe de reflexos con-

dicionados, que não têm mais autonomia, força de decisão, nem consciência de responsabilidade. O mecanismo espantoso que o homem põe em movimento, produzindo objetos para o próprio consumo, converte-o a ele mesmo em objeto de uso dentro do mesmo mecanismo. Contudo, o homem não deixou de ser homem. Ele se defende contra esse destino com medo, desespero e coragem. Continua colocando a pergunta "para quê", mas não sabe nenhuma resposta a esta pergunta. Sente o vazio e a falta de sentido em sua vida sob movimentação ininterrupta na produção de meios para fins, que, por sua vez, se tornarão meios que não apontam para nenhum fim definitivo. Sem compreenderem o que aconteceu, muitos sentem que perderam o sentido da vida, a dimensão de profundidade.

Nesse estado de coisas, faz-se ouvir a pergunta religiosa. O que se passa no íntimo do homem encontrou a sua expressão na arte do nosso tempo, tanto na pintura e escultura quanto na literatura, e — se bem que em medida menor — também na filosofia. Devemos voltar-nos, portanto, para essas áreas, se queremos entender a atitude religiosa do homem de hoje. No estilo da arte moderna e nos seus objetos se expressa a busca apaixonada, e muitas vezes trágica, pelo sentido da vida, numa época em que a dimensão de profundidade está escondida.

5.2. No campo que tradicionalmente denominamos de religioso temos que considerar a redescoberta do sagrado em dois níveis. No nível institucional e no nível extra-institucional. Em relação a esses dois níveis, a dessacralização e a desmitificação científica e religiosa deixou um vazio.

Alguns desmitificadores do sagrado, que se deixaram levar pela mentalidade científico-tecnológica, situando o sagrado no mesmo nível das ciências positivas, empenharam-se num movimento de racionalização do "sagrado". Uma tal atitude bem depressa encontrou reação. A religião não se reduz a um relacionamento racional do homem com Deus, mas é um relacionamento vital. E este só se pode expressar através de gestos, ritos e linguagem simbólico. O problema não era acabar com a dimensão do sagrado, mas redimensioná-lo. Dentro dessa perspectiva encontramos no Conc. Vat. II o mais poderoso movimento de redimensionamento e da redescoberta do sagrado para a sociedade tecnológica. Pelo Concílio abriu-se o caminho para novas experiências do sagrado, no sentido legítimo. Houve, porém, correntes dentro da própria instituição eclesástica que julgaram a abertura do Concílio a destruição do verdadeiro Sagrado, e bem depressa surgiram as reações: continuar com a missa em latim, proibir a comunhão na mão, os padres usarem batina, formar os

seminaristas em seminários fechados. São as idéias dum D. Sigaud, dum Gustavo Corção, dum Bispo Lefévre, e outros.

No meu entender, nem a demasiada racionalização da vida religiosa, nem a volta a formas antigas de expressão do sagrado, representam a redescoberta verdadeira do sagrado na sociedade tecnológica. O problema não é acabar com procissões, com orações, santuários etc... ou conservar as formas passadas de relacionamento com o sagrado; o problema está muito mais em valorizar as legítimas possibilidades de relacionamento do homem atual com o sagrado. Não no sentido de sacralizar lugares, plantas, animais, templos ou pessoas, pois, nessa terra, não existe nem lugar, nem pessoa tão sagrada que seja tabu. Isso seria alienante se existisse.

A redescoberta do sagrado se manifesta, por exemplo, na Igreja pela maior participação dos fiéis na vida comunitária e por uma compreensão mais certa e mais profunda da doutrina cristã... Ainda mais, o sagrado está atualmente entrando por outras portas: a Igreja que se preocupa com o homem todo.

5.3. Em nome de Cristo a Igreja defende a liberdade, o direito a justiça, a dignidade da família, o interesse pelos outros, a abnegação de si mesmo etc. Nisso mesmo verificamos que a humanização do mundo, independentemente do "sagrado" não é humano e não possui fundamento onde situar duradouramente o seu interesse pelo homem. Argumenta-se que esse interesse também pode existir em nome do desenvolvimento, em nome do prazer, em nome do bem-estar. Mas estes conceitos não atingem a dimensão de profundidade do homem. E a validade desses conceitos para o homem individual não passa a duração dos 70 anos. Para um soldado na frente de batalha talvez seja interessante lutar por uma ideologia, mas para quem é operado de câncer as ideologias intra-históricas certamente não representam muito. O homem, nessa situação, necessita de algo mais sólido para ainda ver sentido para a sua existência. E para tais situações o que até agora deu mais sentido e consolação aos homens de todos os tempos foi o seu relacionamento com o sagrado: "passarão os céus e a terra, mas as minhas palavras não passarão".

A Igreja, pregando o respeito pelo homem todo, incentivando a bondade, o amor, a verdade, a fé e a caridade como fundamentos para a felicidade das pessoas, e lutando pelos pobres, levando justiça onde acontecem injustiças, a ação das instituições de caridade, o trabalho dos missionários entre os índios, essas são na atualidade as mais autênticas manifestações da presença do sagrado entre os homens.

Por outro lado, temos também o surgimento de novas iniciativas dentro da Igreja: comunidades de base, reflexões teológicas sobre a libertação dos homens, o pentecostalismo, os cursinhos de cristandade, o encontro de jovens etc... que manifestam o irrompimento do Sagrado na era tecnológica. Em outras palavras, essa é a ação do Espírito Santo na atualidade.

Nesse mesmo nível da ação do Espírito Santo, poderíamos ainda mencionar o ecumenismo, ou o "Concílio dos Jovens", iniciado em 1974 em Taizé, na França, onde 30.000 jovens de 120 nações do mundo se comprometeram a rezar e se engajar para que os homens se tornem mais comunitários.

Como a sociedade humana é dinâmica e as instituições visam geralmente a uma estabilização, muitos homens na sociedade tecnológica, sentindo uma necessidade profunda de satisfazer as suas exigências de relacionamento com o sagrado, vão direto a esse sagrado, sem a mediação de uma das instituições religiosas já existentes. Essa atitude poderíamos chamar de "sagrado rebelde", autônomo, um fenômeno que explica porque na nossa época surjem tantas seitas religiosas novas. Aqui no Brasil encontramos especialmente o fenômeno do espiritismo e das religiões afro-brasileiras, juntamente com as diversas manifestações da religiosidade popular. Entre as seitas e as novas religiões que pululam entre nós, gostaria de mencionar especialmente aquelas que vêm do Oriente: Yoga, Seicho-no-iê, Meditação transcendental, Discípulos de Hare-Krishna, Religião Bahai, Perfect Liberty (PL). Interessante é que a nossa época é a segunda da história em que há uma verdadeira invasão das religiões orientais entre os povos ocidentais. A primeira foi a época que precedeu o início da nossa era, em que o Ocidente foi invadido pelas religiões místicas, vindas do Oriente.

Muitas das novas manifestações religiosas da nossa época são uma clara reação contra a mentalidade demasiadamente racionalista e opressora da sociedade tecnológica. O perigo está em que tais relacionamentos com o Sagrado alienem mais o homem do que o conscientizem. No entanto nada mais são do que o desejo profundo do homem de encontrar a sua "dimensão de profundidade".

5.4. O certo é que nenhum homem poderá viver sem um interesse supremo. E quem não relacionar esse interesse supremo com o sagrado verdadeiro e na dimensão certa, fabricará para si pseudo-sagrados e ídolos.

Para o cristão o "interesse supremo" só poderá estar relacionado com a sua vida de fé. E onde há fé, há também um saber acerca

do Sagrado. E o primeiro saber do cristão a respeito do "sagrado" é de que ele se localiza no mais profundo do próprio homem. Como diz S. Paulo: "Não sabeis que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Cor 3,16). E na Carta aos Romanos o mesmo Apóstolo Paulo diz: "Exortovos, irmãos... a que ofereçais vossos corpos como hóstiã viva, santa e agradável a Deus; este é o vosso culto espiritual" (Rom 12,1). Assim sabemos que o "verdadeiro sagrado" se encontra na "dimensão de profundidade do homem" e que cada um terá que fazer dele o "interesse supremo" de sua vida. O fará interesse supremo de sua vida, santificando ou sacralizando o seu dia-a-dia. Esta eu considero a verdadeira redescoberta do Sagrado na sociedade tecnológica: o sagrado presente no mais profundo de cada pessoa humana. E este mais íntimo do homem nunca poderá ser dessacralizado através de torturas e profanações. Esta presença do sagrado no homem manifesta que o homem é mais do que puramente homem, que ele é um ser essencialmente aberto para o transcendente.

A redescoberta do Sagrado na Sociedade tecnológica não significa primeiramente que há novamente mais gente indo para as igrejas, que novamente se reza mais. Isso será uma consequência lógica do reencontro da dimensão de profundidade do homem e de sua orientação para o verdadeiro "interesse supremo" da vida.